

Tecnologias digitais e economia solidária: experiências em associações comunitárias da região do Vale do Açu, Rio Grande do Norte

Digital technologies and solidarity economy: experiences from community associations in the Vale do Açu region, Rio Grande do Norte

Tecnologías digitales y economía solidaria: experiencias en asociaciones comunitarias de la región del Valle del Açu, Rio Grande do Norte

Cesar Augusto de Souza Barbosa¹ 

Louize Gabriela Silva de Souza² 

Marcos Antônio de Araujo Silva³ 

RESUMO

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) têm modificado profundamente as formas de interação social e comercial. Este artigo investiga a utilização das TDICs em associações comunitárias localizadas na região do Vale do Açu, Rio Grande do Norte, destacando o papel dessas tecnologias na promoção da economia solidária. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, envolveu três associações comunitárias: AMAA (Açu), ARA (Ipanguaçu) e ACMPD (São Rafael), analisando o uso das TDICs em seus cotidianos produtivos. As informações foram obtidas por meio de entrevistas e questionários, revelando um uso incipiente das tecnologias digitais, sobretudo voltado à divulgação nas redes sociais. Como resultado, elaborou-se um e-book com sugestões de marketing digital, visando a ampliar a visibilidade e o potencial de vendas dos empreendimentos. Os resultados apontam para a necessidade de formação digital e reforçam a importância do uso estratégico das tecnologias no fortalecimento da economia solidária.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais; Economia Solidária; Associações Comunitárias.

ABSTRACT

Digital Information and Communication Technologies (TDICs, acronym in Portuguese) have profoundly changed the ways of social and commercial interaction. This article investigates the use of TDICs in community associations located in the Vale do Açu region, in the state of Rio Grande do Norte, Brazil, highlighting the role of these technologies in promoting the solidarity economy. The research, with a qualitative and descriptive nature, involved three community associations: AMAA (Açu), ARA (Ipanguaçu), and ACMPD (São Rafael), analyzing the use of TDICs in their productive daily activities. The information was obtained through interviews and questionnaires, revealing an incipient use of digital technologies, mainly focused on dissemination on social media. As a result, an e-book with digital marketing suggestions was developed, aiming to increase the visibility and sales potential of these enterprises. The results point to the need for digital training and reinforce the importance of the strategic use of technologies in strengthening the solidarity economy.

Keywords: Digital Technologies; Solidarity Economy; Community Associations.

RESUMEN

Las Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación (TDIC) han transformado profundamente las formas de interacción social y comercial. Este artículo investiga el uso de las TDIC en asociaciones comunitarias ubicadas en la región del Valle del Açu, en el estado de Rio Grande do Norte, Brasil, destacando el papel de estas tecnologías en la promoción de la economía solidaria. La investigación, de enfoque cualitativo y carácter descriptivo, involucró a tres asociaciones comunitarias: AMAA (Açu), ARA (Ipanguaçu) y ACMPD (São Rafael), analizando el uso de las TDIC en sus cotidianidades productivas. La información se obtuvo mediante entrevistas y cuestionarios, revelando un uso incipiente de las tecnologías digitales, sobre todo orientado a la difusión en las redes sociales. Como resultado, se elaboró un libro digital con sugerencias de marketing digital, con el objetivo de ampliar la visibilidad y el potencial de ventas de los emprendimientos. Los resultados señalan la necesidad de formación digital y refuerzan la importancia del uso estratégico de las tecnologías en el fortalecimiento de la economía solidaria.

Palabras clave: Tecnologías Digitales; Economía Solidaria; Asociaciones Comunitarias.

¹ Licenciado em Informática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: cesarsouza98@hotmail.com

² Doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: louize.gabriela@ifrn.edu.br

³ Mestre em Energia Elétrica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: araujo.marco@ifrn.edu.br

INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) vêm impactando consideravelmente a forma como o ser humano interage com o mundo e com a sociedade ao seu redor. Vivemos um contexto de ampla circulação de informações, mediada por dispositivos digitais e plataformas de comunicação que influenciam diferentes áreas da vida social, entre elas, o trabalho, a educação e o empreendedorismo.

No campo da economia solidária, as TDICs surgem como ferramentas estratégicas para ampliar a visibilidade de empreendimentos populares, fomentar redes colaborativas e fortalecer iniciativas autogeridas. Tais tecnologias, quando utilizadas de forma crítica e contextualizada, podem potencializar a autonomia de grupos produtivos, promovendo inclusão social e geração de renda.

A pesquisa acadêmica parte da compreensão de que, especialmente em regiões interioranas como o Vale do Açu, no estado do Rio Grande do Norte, a inserção digital de associações comunitárias representa não apenas um desafio, mas uma oportunidade para a consolidação de práticas econômicas solidárias. O estudo tem como objetivo compreender a utilização das tecnologias digitais em três associações comunitárias da região.

O estudo buscou identificar como as tecnologias digitais são utilizadas no cotidiano das associações, analisando as formas de apropriação dessas ferramentas na divulgação e comercialização dos seus produtos. Além disso, também propôs estratégias de aperfeiçoamento digital compatíveis com a realidade dos empreendimentos, respeitando seus contextos socioprodutivos e suas condições materiais de acesso à internet e dispositivos.

A relevância da pesquisa reside na necessidade de compreender como a economia solidária pode se beneficiar das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) em contextos de baixa visibilidade, contribuindo para a democratização da comunicação, o fortalecimento do comércio local e o desenvolvimento de práticas mais autônomas de gestão coletiva. Ao evidenciar os desafios enfrentados por associações comunitárias e ao propor caminhos de fortalecimento digital, a pesquisa assume um compromisso com a valorização de iniciativas populares e com a promoção de inclusão socioprodutiva mediada pelas tecnologias.

REFERENCIAL TEÓRICO

A economia solidária constitui-se como uma proposta alternativa de organização econômica que prioriza valores como cooperação, autogestão, solidariedade e democracia. Trata-se de um modelo de produção, comercialização, financiamento e consumo sustentado por princípios coletivos, cuja base está na articulação de sujeitos historicamente marginalizados pelo sistema capitalista tradicional. Nesse modelo, diferentes atores atuam de forma integrada, estabelecendo redes de colaboração que fortalecem o bem comum e a coletividade, em oposição à lógica do lucro individual e da competitividade típica do mercado convencional.

Essa forma de organização produtiva assume um papel estratégico na geração de trabalho e renda, sobretudo em comunidades periféricas e rurais, onde o acesso ao empre-

go formal é restrito. Normalmente, os empreendimentos de economia solidária são oriundos de comunidades ou grupos de indivíduos com origens similares.

Segundo Dagnino (2014), geralmente, fazem parte desses empreendimentos, trabalhadores que possuem dificuldades de acesso ao mercado formal de trabalho e que, assim, passam a constituir novas entidades coletivas de produção e serviços. Para o autor, os empreendimentos solidários possibilitam a criação de novas formas de inserção socioeconômica, vinculadas à participação coletiva e à valorização do saber local. Tais empreendimentos não apenas propiciam sustentabilidade econômica, mas também promovem o exercício da cidadania e a construção de identidades coletivas.

O mapeamento realizado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2006), por meio do Atlas da Economia Solidária, identificou quase 15 mil empreendimentos solidários distribuídos em 2.274 municípios brasileiros. A maioria deles concentra-se na região Nordeste (44%), o que evidencia a importância desse modelo econômico como política de inclusão social em contextos marcados por desigualdades históricas.

Além da articulação em fóruns e redes nacionais, destaca-se o papel de instituições públicas de ensino, como o IFRN, na promoção de ações voltadas à economia solidária. O campus Ipanguaçu, por exemplo, atua por meio da Incubadora Tecnológica para o Fortalecimento dos Empreendimentos Econômicos Solidários (IFSol), que desenvolve assessorias baseadas nos princípios da economia solidária e da educação popular. Essas ações buscam integrar a comunidade local ao ambiente educacional, promovendo o desenvolvimento sustentável e a valorização da cultura regional.

TECNOLOGIAS DIGITAIS E INCLUSÃO SOCIOPRODUTIVA

O avanço das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) tem transformado de maneira profunda as práticas sociais, educacionais e econômicas. No plano global, a digitalização modificou a forma como trabalhamos, consumimos e nos comunicamos. Como afirma Dertouzos, a tecnologia digital:

Está transformando a maneira de como vivemos, trabalhamos e nos divertimos, como acordamos pela manhã, fazemos compras, investimos dinheiro, escolhemos nossos entretenimentos, criamos arte, cuidamos da saúde, educamos os filhos, trabalhamos e participamos ou nos relacionamentos com as instituições que nos empregam, vendem algo, prestam serviços à comunidade (1997, p. 153).

No contexto da pandemia de COVID-19, esse movimento de digitalização foi intensificado. A necessidade de distanciamento social impulsionou o uso de ferramentas digitais como condição para a continuidade de atividades econômicas e educacionais. A tecnologia foi se consolidando no contexto pandêmico como um instrumento de sobrevivência para negócios que precisaram se reinventar diante da crise. O *e-commerce*⁴, por exemplo, apresentou o maior crescimento em duas décadas (Almeida et al., 2020), tornando-se um canal estratégico para a comercialização de produtos e serviços.

⁴ O termo *e-commerce* (do inglês *electronic commerce*) refere-se ao comércio eletrônico, ou seja, à compra e venda de produtos ou serviços por meio de plataformas digitais, como sites, redes sociais e aplicativos de mensagens.

No campo educacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece o papel das TDICs na formação crítica e participativa dos sujeitos. A sua quinta competência geral prevê a capacidade de “compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa, reflexiva e ética” (Brasil, 2018, p. 9), tanto em contextos escolares quanto na vida social. Tal diretriz reforça a importância da formação digital em diferentes níveis, incluindo iniciativas produtivas organizadas de forma comunitária.

Do ponto de vista do acesso, os números também apontam para uma presença cada vez maior das tecnologias na vida cotidiana. Segundo o Digital 2022 Global Overview Report⁵ (Kemp, 2022), mais de 5 bilhões de pessoas estavam conectadas à internet no início daquele ano, representando cerca de 62,5% da população mundial. Além disso, 67,1% da população global utilizava celular, consolidando o ambiente móvel como espaço central de sociabilidade e negócios.

Essa realidade indica que o uso das TDICs não é apenas uma possibilidade técnica, mas uma exigência para a participação social e econômica em escala global. No entanto, o acesso desigual e a ausência de formação digital ainda representam barreiras importantes, sobretudo em territórios interioranos, como é o caso da região do Vale do Açu.

ECONOMIA SOLIDÁRIA E TDICS: CONVERGÊNCIAS POSSÍVEIS

A articulação entre economia solidária e tecnologias digitais revela um campo fértil de possibilidades para a inclusão socioprodutiva de comunidades. O uso estratégico das TDICs pode ampliar a visibilidade dos produtos, facilitar o acesso a novos mercados e promover formas alternativas de comercialização, como as lojas virtuais e as redes sociais. Para Reedy, Schullo e Zimmerman (2001, p. 45) “o comércio eletrônico é a realização de comunicações e transações de negócios através de rede e computadores, mais especificamente a compra e a venda de produtos e serviços, e a transferência de fundos através de comunicações digitais”.

O artesanato se destaca como uma área produtiva dentro do contexto da economia solidária, desenvolvida por meio da fabricação e comercialização de objetos manualmente confeccionados, principalmente em feiras locais, promovendo assim, uma importante fonte de renda para a comunidade fabricante. As feiras-livres, conforme Badue e Gomes (2011, p. 11), são “os mais antigos espaços de comercialização existentes” e ainda desempenham papel essencial na venda de produtos da agricultura familiar e do artesanato local. A inserção dessas práticas em ambientes digitais pode potencializar sua abrangência, mantendo o vínculo com a tradição e ampliando sua capacidade de alcance e geração de renda.

No caso das associações comunitárias analisadas neste estudo, as redes sociais como Instagram, Facebook e WhatsApp são as principais ferramentas utilizadas na divulgação de produtos. Entretanto, o uso ainda é limitado e, muitas vezes, desarticulado de estratégias mais estruturadas de marketing digital. Essa constatação reforça a necessidade de formações específicas, voltadas à realidade dessas comunidades, como forma de fortalecer a economia solidária com base no protagonismo local.

⁵ É um relatório anual publicado pelas empresas We Are Social e Hootsuite, que reúne dados globais sobre uso de internet, redes sociais, dispositivos móveis e comportamento digital em mais de 200 países.

Nesse sentido, as ideias de Paulo Freire (1996) contribuem de forma significativa ao enfatizar a importância da educação como prática da liberdade e da autonomia. Para o autor, a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos, promovendo sua leitura crítica do mundo e a possibilidade de transformá-lo. Essa discussão aponta para a necessidade de formações digitais contextualizadas, capazes de respeitar os saberes locais e promover a participação ativa das comunidades no ambiente digital.

Da mesma forma, as reflexões de Pierre Lévy (1999) sobre a inteligência coletiva e a cibercultura ajudam a compreender o potencial das tecnologias digitais como espaços de construção colaborativa de conhecimento e de articulação entre sujeitos. Lévy destaca que o uso das tecnologias não deve se limitar à instrumentalização, mas à ampliação das capacidades humanas de cooperação, aprendizagem e compartilhamento. Esses são também elementos centrais na lógica da economia solidária.

Portanto, o diálogo entre economia solidária, TDICs e educação crítica aponta para caminhos possíveis de inclusão socioproductiva, em que as tecnologias deixam de ser um fim em si mesmas para se tornarem ferramentas de emancipação e fortalecimento das práticas coletivas.

METODOLOGIA

O artigo foi construído a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo, voltada à compreensão do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) em associações comunitárias situadas na região do Vale do Açu, no estado do Rio Grande do Norte (RN), Nordeste do Brasil. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa busca a compreensão de significados, relações e processos sociais, a partir de uma aproximação intensa com o contexto estudado. Já a pesquisa descritiva, segundo Triviños (1987), visa apresentar, com fidelidade, as características de uma determinada realidade, sem a intenção de interferir diretamente nela, permitindo descrever seus aspectos com precisão.

O estudo teve como lócus três municípios da região do Vale do Açu (Ipanguaçu, Açu e São Rafael) e como sujeitos integrantes de três associações comunitárias que atuam na produção artesanal com base na economia solidária. As associações selecionadas foram: a Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba e Fibra da Bananeira (ARA), localizada em Ipanguaçu, RN, que trabalha com produção artesanal a partir de matérias-primas naturais da região. A Associação das Mulheres Artesãs de Açu (AMAA), que atua na produção de peças artesanais variadas e possui um histórico de participação em eventos e feiras. E, por fim, a Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro (ACMPD), com sede em São Rafael, RN, que articula a produção coletiva de peças de artesanato com ações de formação e geração de renda para mulheres da comunidade.

As informações foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com apoio do Google Forms e do aplicativo WhatsApp, em razão da praticidade e das dificuldades de realização no formato presencial, considerando a dinâmica dos sujeitos envolvidos. Os questionários abordaram aspectos como escolaridade, uso das tecnologias digitais,

organização da produção, formas de divulgação e interesse em formações voltadas ao uso das mídias sociais.

No total, 22 participantes responderam ao instrumento de pesquisa. As falas foram registradas com pseudônimos, conforme os princípios éticos da pesquisa, e analisadas de acordo com categorias temáticas construídas com base nos objetivos do estudo.

Além disso, com base nas demandas observadas nas respostas dos participantes, foi elaborado um *e-book* digital intitulado *Dicas necessárias para a conquista de novos clientes*, com orientações práticas sobre marketing digital, uso de redes sociais, criação de conteúdo e estratégias de divulgação on-line.

Essa ação buscou não apenas analisar a realidade das associações, mas também oferecer uma intervenção prática que contribuísse com a melhoria da visibilidade dos produtos e com a autonomia tecnológica das participantes.

ANÁLISES E RESULTADOS

A partir das entrevistas e dos questionários realizados com as três associações comunitárias participantes do estudo (ARA, AMAA e ACMPD), foram organizadas as informações em categorias de análise, com base na metodologia qualitativa descritiva. As respostas foram agrupadas por similaridade temática e analisadas à luz do referencial teórico apresentado.

Dos 22 participantes da pesquisa, a maioria é do sexo feminino, com idades entre 30 e 70 anos. Essa predominância de mulheres nas associações confirma a tendência identificada pelo Sistema de Informações da Economia Solidária (SIES, 2007), que aponta as mulheres como maioria nos empreendimentos solidários de pequeno porte, especialmente em contextos periféricos e comunitários.

Em relação à escolaridade, observou-se que a maior parte dos participantes possui ensino fundamental incompleto (12 pessoas), seguido por ensino médio completo (8 participantes). Apenas duas pessoas possuem ensino superior, uma com formação completa e outra com formação incompleta. Esses dados revelam um contexto de baixa escolaridade formal, o que reforça o papel da economia solidária como espaço de inclusão socioproductiva para sujeitos historicamente excluídos do mercado formal (Dagnino, 2014).

A atuação de empreendimentos voltados à geração de trabalho e renda para populações excluídas do mercado formal é de grande relevância social. Essas iniciativas não apenas promovem a reintegração produtiva de sujeitos historicamente marginalizados, mas também alimentam debates no meio acadêmico e no setor público, contribuindo para o exercício pleno da cidadania.

Dentre as respostas obtidas por meio do formulário aplicado, selecionamos três, uma de cada associação, com destaque para aquelas que mais se diferenciavam entre si no contexto analisado. A seguir, apresentamos os dados em forma de quadro:

Quadro 1 – Produção das Associações

Questão: Quais tipos de produtos vocês fabricam dentro da associação?
- AMAA: Artesanatos tendo como base a trança da carnaúba; cerâmica (utensílios domésticos), madeira, bonecas de pano, crochê e arte com retalhos de tecido.
- ACMPD: Cestaria em geral.
- ARA: Luminárias, cadeiras, porta-fotos, nichos, jarros de mesa, jarros de parede, cestos, abajures, entre outros.

Fonte: Barbosa (2023).

As respostas revelam a diversidade de saberes e práticas produtivas presentes nas associações, evidenciando a riqueza cultural e artesanal que sustenta esses empreendimentos. A variedade de materiais e técnicas utilizadas também aponta para o potencial de cada grupo em dialogar com diferentes nichos de mercado, o que reforça a importância do apoio institucional e da formação continuada, especialmente em áreas como comercialização e uso estratégico das tecnologias digitais.

No que diz respeito à dinâmica produtiva das associações, observou-se que elas adotam formas distintas de organização do trabalho. Em comum, a divisão das tarefas tende a respeitar as habilidades individuais de cada participante, embora também existam momentos de colaboração e produção coletiva. Essa lógica evidencia práticas de cooperação que dialogam diretamente com os princípios da economia solidária, como a valorização dos saberes locais e a construção conjunta de soluções.

Quadro 2 – Organização da produção

Associação	Forma de produção e divisão de tarefas
AMAA	Produção individual nas casas, conforme a especialidade de cada artesã.
ACMPD	Divisão de materiais de forma coletiva, mas confecção individual.
ARA	Trabalho por encomenda, com funções específicas e divisão por horas trabalhadas.

Fonte: Barbosa (2023).

Essas informações indicam que, mesmo com diferentes arranjos produtivos, há uma valorização da autonomia das artesãs no processo de criação, ao mesmo tempo em que se preserva o senso de pertencimento ao coletivo. A prática de diálogo constante entre as associadas, especialmente no momento de definir tarefas ou dividir materiais, demonstra a presença de uma gestão horizontalizada e colaborativa. Esse equilíbrio entre produção individual e decisões compartilhadas é evidenciado no relato de uma das participantes: *“Cada uma trabalha na sua casa, com o material que sabe usar melhor. Mas a gente sempre conversa para dividir bem o que é de todas”* Sandra (AMAA).

A lógica da produção reflete os princípios da economia solidária, baseada na cooperação e na autogestão. As tecnologias digitais são utilizadas pelas três associações principalmente para divulgação dos produtos, com destaque para redes sociais como WhatsApp e Instagram. Contudo, o uso ainda é restrito e pouco estratégico.

No que se refere às tecnologias digitais utilizadas pelas associações para divulgação de seus produtos, percebe-se um uso recorrente das redes sociais mais acessíveis e populares. As três associações relataram utilizar o WhatsApp e o Instagram como principais ferramentas de comunicação com clientes e de apresentação de suas produções. A Associação Comunitária das Mulheres Produtoras do Desterro (ACMPD), além dessas, também utiliza o

Facebook, o que evidencia uma tentativa de diversificação das plataformas, mesmo que de forma espontânea e intuitiva.

Apesar da presença dessas ferramentas no cotidiano das participantes, o uso ainda é marcado por limitações técnicas e pela ausência de estratégias de comunicação digital mais elaboradas. Muitas artesãs utilizam os aplicativos apenas para envio de fotos ou atendimento direto, sem explorar recursos como vídeos, stories ou impulsionamento de conteúdo. Essa utilização restrita aparece com clareza no seguinte depoimento: *“A gente usa mais o WhatsApp para mostrar os produtos, mas ainda não sabemos usar direito para vender mais”* Cláudia (ARA).

De acordo com Junqueira et al. (2014), o uso das redes sociais no ambiente comercial é uma estratégia de baixo custo que pode ampliar a visibilidade e o alcance dos empreendimentos. No entanto, é necessário conhecimento técnico para que essas ferramentas sejam bem aproveitadas.

Em relação ao potencial das tecnologias digitais, as participantes reconhecem a importância das tecnologias para a comercialização e desejam ampliar seus conhecimentos nessa área. Muitas demonstraram interesse na realização de formações voltadas ao uso estratégico das mídias sociais.

Quadro 3 – Potencial percebido das tecnologias

Associação	Percepção das participantes
AMAA	Maior alcance e vendas via redes sociais; desejo de aprender mais sobre Instagram.
ACMPD	Divulgação mais ampla dos produtos e fortalecimento da imagem da associação.
ARA	Aumento da visibilidade e possibilidade de mais encomendas.

Fonte: Barbosa (2023).

As falas a seguir exemplificam esse interesse coletivo por formação digital e revelam a expectativa de que esse tipo de conhecimento contribua diretamente para o fortalecimento das associações:

“Gostaríamos de expandir bem mais o conhecimento dentro do Instagram e também aprender a fazer vídeos dinâmicos e criativos para usar nas redes sociais”–Maria (AMAA).

“Ganhamos mais conhecimento, o que facilita o uso do meio digital com mais confiança”–Joana (ACMPD).

“Acho que o minicurso seria muito útil, pois obteríamos mais conhecimentos na área digital, e isso pode ajudar nas vendas”–Ana (ARA).

Essa demanda formativa reforça o papel das instituições públicas na oferta de ações educativas voltadas à formação digital de empreendimentos solidários. A BNCC (2018) e o relatório Digital 2022 (Kemp, 2022) já apontam para a necessidade de desenvolver competências digitais para a vida social e profissional contemporânea.

De acordo com a BNCC as competências digitais não apenas contribuem para o acesso ao conhecimento, mas também para a construção da cidadania e a inserção no mundo do trabalho, enfatizando a necessidade de alfabetização digital como parte das competências gerais da educação básica. Já o relatório Digital aponta que o uso da internet, das redes

sociais e das plataformas digitais está cada vez mais presente nas práticas cotidianas e nos modelos de negócios, incluindo os empreendimentos solidários, que dependem da digitalização para ampliar seu alcance, organização e sustentabilidade.

Isso reforça a urgência em promover uma educação digital que prepare os indivíduos para navegar com segurança e eficiência nesse ambiente em constante transformação, garantindo-lhes autonomia e protagonismo, além de fazer uso estratégico das tecnologias digitais para fortalecer os empreendimentos, aprimorar processos de gestão, ampliar canais de divulgação e comercialização e potencializar redes de colaboração e solidariedade.

No caso dos empreendimentos solidários, essa formação digital se apresenta ainda mais crucial, pois contribui para a sustentabilidade econômica e a visibilidade social dessas iniciativas, permitindo que se integrem de forma mais ativa e competitiva às dinâmicas do mercado e da economia digital, sem renunciar aos princípios de cooperação e inclusão.

Como parte das ações desenvolvidas ao longo da pesquisa, buscou-se produzir um material formativo acessível e útil para os participantes, considerando as necessidades identificadas durante as entrevistas. A intenção foi oferecer um recurso que dialogasse diretamente com a realidade dos empreendimentos solidários envolvidos, contribuindo com orientações práticas e aplicáveis ao seu cotidiano digital. Nesse sentido, foi elaborado um *e-book* contendo dicas práticas sobre marketing digital, com foco em estratégias simples de divulgação pelas redes sociais. O material intitulado *Dicas necessárias para a conquista de novos clientes* foi pensado como produto complementar da pesquisa, com linguagem acessível e exemplos visuais.

Figura 1 – Capa do *e-book*



Fonte: Barbosa (2023).

O material foi apresentado e compartilhado com os entrevistados da pesquisa. Na ocasião da entrega do *e-book*, Luciene da ACMPD afirmou: *“Esse material vai ser bom para a gente aprender mais. Tem coisa que a gente nem sabia que dava para fazer”*.

Tal ação reforça a perspectiva da pesquisa-ação e da intervenção pedagógica, ao articular análise da realidade e proposta concreta de transformação. Ao considerar as demandas reais dos sujeitos envolvidos, a entrega do material não apenas devolve à comuni-

dade parte do conhecimento construído coletivamente, mas também contribui para o fortalecimento de suas práticas. Trata-se de uma estratégia que valoriza o saber local, promove autonomia e incentiva a apropriação crítica das tecnologias digitais, alinhando-se aos princípios da educação popular e ao compromisso ético com a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo investigar o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) em associações comunitárias da região do Vale do Açu/RN, analisando de que forma essas ferramentas têm sido incorporadas às práticas produtivas de empreendimentos baseados na economia solidária.

A pesquisa evidenciou que, embora as TDICs estejam presentes no cotidiano das associações, seu uso ainda é limitado e, em geral, restrito à divulgação básica dos produtos em redes sociais como WhatsApp, Instagram e Facebook. A ausência de formações específicas e o baixo grau de escolaridade de boa parte dos participantes contribuem para essa limitação, apontando a necessidade de ações formativas acessíveis e contextualizadas.

A análise dos dados revelou também o protagonismo feminino nos empreendimentos, a diversidade das produções artesanais e o papel das associações como espaços de resistência econômica, cultural e social. As participantes demonstraram interesse em qualificar suas práticas digitais, compreendendo o potencial das tecnologias como meio de ampliar a visibilidade e a comercialização dos produtos.

Como desdobramento prático da pesquisa, foi desenvolvido um *e-book* digital com orientações sobre marketing digital, buscando contribuir com a autonomia das associações e o fortalecimento de suas ações no ambiente virtual. Essa iniciativa se alinha à proposta de uma educação crítica e emancipadora, comprometida com a valorização dos saberes locais e a democratização do acesso às tecnologias.

Conclui-se que a articulação entre TDICs e economia solidária representa um caminho promissor para o desenvolvimento local sustentável. Para que isso se concretize, é necessário o investimento contínuo em políticas públicas, formações colaborativas e parcerias com instituições que atuem com base na educação popular, como é o caso do IFRN e sua incubadora IFSol.

Espera-se que esta pesquisa possa servir de subsídio para novas investigações e práticas que fortaleçam o uso estratégico das tecnologias digitais no âmbito da economia solidária, especialmente em contextos interioranos e de menor visibilidade midiática espalhados pelo Brasil, como o Vale do Açu.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Beatriz Cristina de A. et al. **E-Commerce na Pandemia**: a maior alta dos últimos 20 anos. 2020. 39f. TCC (Graduação). Curso de Técnico em Logística, Escola Técnica Estadual Lauro Gomes, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Bernardo do Campo, 2020. Disponível em: <http://www.etelg.com.br/paginaete/TCC-%20ECommerce%20NA%20PANDEMIA-%2003.12.2020%201.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BADUE, Ana Flávia Borges; GOMES, Fernanda Freire Ferreira. **Caminhos para práticas de consumo responsável: parceria entre consumidores e produtores na organização de feiras.** São Paulo: Instituto Kairós, 2011. 48p. Disponível em: <https://institutokairos.net/2020/11/parceria-entre-consumidores-e-produtores-na-organizacao-de-feiras/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

BARBOSA, Cesar Augusto de Souza. **O uso das tecnologias digitais em associações comunitárias na Região do Vale do Açu.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Informática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Ipanguaçu. Ipanguaçu, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 8 nov. 2023.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Atlas da Economia Solidária no Brasil** 2005. Brasília, DF: MTE / SENAES, 2006. Disponível em: https://base.socioeco.org/docs/sies_atlas_parte_1.pdf. Acesso em: 26 out. 2023.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Sistema de Informações da Economia Solidária (SIES): resultados 2007.** Brasília, DF: SENAES/MTE, 2007.

DAGNINO, R. **Em direção a uma estratégia para a redução da pobreza: a Economia Solidária e a adequação sociotécnica.** In: Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 35-88. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7hbd/pdf/dagnino-9788578793272-05.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2023.

DERTOUZOS, M. L. **O que será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRIEL, Martha. **Cibridismo: on e off line ao mesmo tempo.** 2012. Disponível em: <https://www.martha.com.br/cibridismo-on-e-off-line-ao-mesmo-tempo>. Acesso em: 24 jul. 2021.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

HOOTSUITE; WE ARE SOCIAL. **Digital 2022 Global Overview Report.** [S.l.]: Hootsuite; We Are Social, 2022.

Disponível em: <https://pesquisa.hootsuite.com/digital2022>. Acesso em: 10 jun. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto político-pedagógico do IFRN: uma construção coletiva.** IFRN, 2012. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/institucional/ensino/projeto-politico-pedagogico/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

JUNQUEIRA, Fernanda Campos et al. A utilização das redes sociais para o fortalecimento das organizações. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 11., 2014, Rio de

Janeiro. **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. Rio de Janeiro: AEDB, 2014. p. 1-13. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/22020181.pdf> Acesso em: 13 nov. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

KEMP, Simon. **DIGITAL 2022: global overview report**. Cingapura: Kepios, 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>. Acesso em: 31 out. 2023.

REEDY, J.; SCHULLO, S. & ZIMERMANN, K. **Marketing Eletrônico: a integração de Recursos Eletrônicos ao Processo de Marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Histórico

Recebido: 16 de fevereiro de 2025.

Aceito: 18 de junho de 2025.

Publicado: 30 de julho de 2025.

Como citar – ABNT

BARBOSA, Cesar Augusto de Souza; SOUZA, Louize Gabriela Silva de; SILVA, Marcos Antônio de Araujo. Tecnologias digitais e economia solidária: experiências em associações comunitárias da região do Vale do Açu, Rio Grande do Norte. **Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC**, Belém/PA, n. 53, e2025010, 2025. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n53.e2025010.id788>

Como citar – APA

Barbosa, C. A. de S., Souza, L. G. S. de., & Silva, M. A. de A. (2025). Tecnologias digitais e economia solidária: experiências em associações comunitárias da região do Vale do Açu, Rio Grande do Norte. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, (53), e2025010. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n53.e2025010.id788>